

27-06-2022

NOVO PROJETO HABITACIONAL CELU“LAR”

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia. Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Comecei a escrever pensando na derrota, na minha derrota.

Depois imaginei que estava em processo de vitimização, mudei o título, pensei em dispersão. Mas acho que é uma derrota mesmo, não apenas minha. Para não ficar tão trágico, imaginemos uma mudança de rota. Já faz tempo que percebi algo diferente acontecendo, eu estava ficando para trás, minha rota parecia outra. Em 2010, durante minhas viagens semanais entre São Carlos e Rio Claro (SP) era quase improvável encontrar alguém que estivesse sentado ao meu lado e não estivesse com um fone de ouvidos. Dificilmente havia um diálogo, algo interessante entra por aquelas pequenas peças que se encaixam nos ouvidos e são ligadas por um fio ao celular. Instagram e WhatsApp estavam engatinhando neste tempo. Me sentia negado, a negação do outro. Nem um bom dia/boa tarde ou uma resposta ao pedido de “comlicença”. Algo corriqueiro que poderia permitir o início de uma conversa. O tempo passou, estamos em 2022. Essa separação de rotas continua a todo vapor. Sou atropelado pelas tecnologias.

Não apenas eu, como escrevi antes. As pessoas se curvaram.... entram para o banheiro e voltam para a sala com o pescoço curvado, olhando para o aparelho sobre as mãos estendidas. Um balé estranho, todos seguem - cegamente - seus caminhos sem olhar para os lados.

O olhar é para as mãos. Saem da sala e se dirigem à cozinha da mesma forma. A casa agora é apenas um detalhe que acoberta um outro lar... Um Celu-“lar”. Em 2010, quando viajava, ainda ouvia algum murmurinho. Hoje as pessoas conversam sozinhas.

No transporte coletivo as conversas são como um monólogo...

Falam e não ouço ninguém respondendo.... acho que estão todos ficando loucos. Mas as mãos agora estão ágeis como nunca.

Um carinho frenético dos dedos que deixariam qualquer amante de outros tempos com inveja. Mas o carinho não é respondido.... os dedos ágeis passam sobre um tela.... são mais curtidas por segundo que a quantidade de vezes que um beija-flor bate suas asas no mesmo tempo. Vivemos o tempo da solidão compartilhada. As pessoas se isolam em seus mundos e compartilham tudo para milhões de outros seres solitários. Quantas curtidas vão receber: dezenas, centenas.

Mas, estranhamente, continuam a se sentir solitárias.

Algo tão grave acontece que muitos pais perderam a guarda de seus filhos para esse novo “lar”. É ele que comanda tudo.

Não ocorreu nenhuma separação litigiosa e/ou uma interferência do conselho tutelar. Se tornou “normal” os celulares tomarem a guarda dos filhos. Para que os filhos (mais velhos) respondam a um chamado é preciso que a mensagem passe pelo aparelho, como um filtro, como um processo de censura. Poderá chegar ou não. Poderá responder ou não. A mãe/pai estão na sala e o filho **TAMBÉM**....

....mas a comunicação precisa ser avaliada na passagem pelo aparelho que controla o antigo Lar...

Às vezes surge uma pontinha de esperança, um casal sentado à sombra de uma árvore ou na mesa de um bar. Cadeiras próximas.

Eles parecem dialogar.... Mas com um olhar mais próximo percebemos que o diálogo é outro. O pescoço curvado não deixa dúvidas, eles estão avaliando o que o aparelho posta. Estão em algum monólogo, estão solitariamente acompanhados.

Falando em mesa de bar.... Vejo que o horário mais sublime das famílias.... a hora da refeição (quando tem) foi invadido por esse controlador de “lar”. Entre uma garfada e outra não sobra tempo para um comentário elogioso sobre a refeição, um assunto corriqueiro do dia. Se engole a comida sem mastigar, rápido.... para sobrar tempo para uma pequena gargalhada para a nova piada idiota postada. Uma mão no garfo e a outra na tela.

Quando é preciso cortar um alimento, falta tempo para tocar a tela. Se rasga o alimento com brutalidade, sobra tempo/suavidade para mais uma curtida. Que merda isso!

E entre os intelectuais, críticos... não é diferente. Durante a melhor parte do evento científico, haverá um percentual considerável dos presentes que estarão preocupados com as coisas que acontecem em seu “lar”. Enquanto o palestrante apresenta uma fabulosa teoria do controle social na modernidade.... o sequestro social acontece.

Terminada sua palestra, é lógico, ele, o palestrante, igualmente vai buscar alguma novidade no pequeno aparelho.

Talvez, alguém atento, faça alguma pergunta inteligente.

Não bastasse a “diversão” das redes sociais.... o aparelho agora é o principal controlador do trabalho/trabalhadores.

Os robôs humanos, curvados para o pequeno aparelho, agora vêm sendo substituídos pelos próprios aparelhos. Robôs que espalham mentiras e que decidem eleições. Se você não baixar o novo “App” não poderá acessar a vida.... A vida agora se resume à quantidade de “Apps” que te controlam. “Tudo o que é sólido se desmancha no ar (...)”. A frase nunca fez tanto sentido. Tudo está nas ‘nuvens’!

Eu, aprendiz de climatólogo, sei que as nuvens sofrem constantes metamorfoses. Uma Cumulonimbus ao deixar precipitar todo o seu conteúdo se tornará, obviamente, vazia. Na queda, as microscópicas gotas sofrerão um processo de “colisão e coalescência....” todo o conteúdo será misturado / esvaziado – provocará enchentes / desastres / sofrimento. Em qual parte da ‘nuvem’ seu conteúdo estará?

.....
Conheci um ancião em Sierra Maestra-Cuba

que parecia não ter um único parente,

vivia com os bichos/plantas e muita chuva....,

além de uma linda imagem do vale emoldurado pelo Rio Yara.

E ele não parecia sozinho, ele tinha alegria no olhar.

Seu barraco o envolvia, era seu Lar... ele não tinha o outro

“lar”. Na Rota por esse lugar colhi o limão revolucionário,

mas isso foi e será assunto de outras crônicas...

■ ■ ■